

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 15/04/2016

- [Mães de bebês com microcefalia terão direito a graduações gratuitas](#)
- [DF - Unidade de Internação de Brazlândia recebe exposição de Athos Bulcão](#)
- [Jovens refugiados recebem aulas de fotografia e registram suas vidas em São Paulo](#)
- [“Cadê nossa boneca?” - iniciativa da Avante quer mais diversidade nos brinquedos](#)

Assunto: Mães de bebês com microcefalia terão direito a graduações gratuitas

Fonte: Portal G1 PE

Data: 15/04/2016



Gratuidade dos cursos se estende a mães de bebês com condições raras. Mulheres precisam procurar associação AMAR para concorrer a bolsas.



Mães de crianças com condições raras devem entrar em contato com a AMAR para concorrer às bolsas

Mães de bebês com microcefalia e outras condições raras poderão se matricular e assistir a aulas de graduação e pós graduação a distância em Pernambuco. Denominado “Mães Produtivas”, o projeto foi idealizado pela Aliança de Mães e Famílias Raras (AMAR) e pelo Grupo Ser Educacional. A ação oferta, inicialmente, 50 bolsas, mas as instituições estudam a possibilidade de aumentar essa quantidade.

“Sabemos que o cuidado com crianças com esse tipo de malformação é muito difícil e, muitas vezes, essas mulheres não têm condições de deixar a criança para fazer uma faculdade, por exemplo. Com a oferta de

bolsas, a nossa ideia é transformar a vida dessas mães”, explica Sérgio Murilo, coordenador executivo do Instituto Ser Educacional.

Ainda de acordo com o coordenador, o grupo irá custear o curso inteiro e fará um acompanhamento sistemático para avaliar a frequência das universitárias. As mães poderão escolher entre 10 cursos de graduação e 140 cursos de pós-graduação. O grupo ainda oferece

atendimento às crianças com microcefalia nas áreas de odontologia, e fisioterapia. Para as mães e pais das crianças, são oferecidos serviços de psicologia.

Para concorrer a vagas, as mães devem procurar a AMAR, localizada em Boa Viagem, na Zona Sul do Recife. Além de entregar o certificado de conclusão do ensino médio, as mulheres também devem levar identidade, CPF e comprovante de residência.

“Após a entrega dos documentos, faremos uma entrevista com as mães para saber se elas realmente merecem a bolsa e se haverá comprometimento para concluir a graduação em quatro anos”, explica Poliana Dias, presidente da Associação.

Os cursos são de licenciatura, bacharelado e tecnólogo. A lista com as graduações oferecidas pode ser acessada no site da Educação à Distância da Uninassau. Para mais informações, as mães podem entrar em contato com a AMAR por meio do e-mail amareagir@gmail.com ou pelos telefones (81) 3132-0650 e (81) 9 8448-8710.

Assunto: DF - Unidade de Internação de Brazlândia recebe exposição de Athos Bulcão

Fonte: Associação Brasileira dos Magistrados da Infância e da Juventude

Data: 15/04/2016



Expressões artísticas da cultura e da arquitetura moderna estão presentes na exposição “ Athos Bulcão in loco”, promovida pela Fundação Athos Bulcão na Unidade de Internação de Brazlândia (Uibra) até o dia 22 de abril. Junto à exposição, a Fundação promove um trabalho com os professores e socioeducandos para que os jovens produzam peças, inspiradas no autor, e conheçam mais sobre arte. Ao final, a proposta é a montagem de uma exposição com o resultado das atividades e a seleção de duas peças a serem inseridas no mês de janeiro do calendário 2017 da entidade.



A exposição em cartaz na Uibra privilegia a produção arquitetônica de murais e azulejaria do artista com obras que estão expostas em Brasília e outras cidades do Brasil e do mundo. Entre as principais estão os painéis do Parque da Cidade, do Aeroporto Internacional Presidente Juscelino Kubitschek e a Igreja N. S. de Fátima, todos na capital federal.

Para o Secretário Adjunto da Secretaria de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude, Antônio Carlos Carvalho Filho, iniciativas como esta trazem conhecimento tanto para os internos, quanto para os familiares. “Eles passam a reconhecer, por meio desta exposição, os monumentos e a história da nossa capital” afirmou.

De acordo com a Secretaria executiva da Fundação Athos Bulcão, Valéria Cabral, o objetivo da exposição é promover o conhecimento e estimular o gosto dos socioeducandos pela arte. “Trabalhamos temas importantes do mundo artístico, levando em consideração a importância do aprendizado cultural na vida de cada um dos adolescentes, pois obras de arte não são feitas apenas por grandes pintores. Athos acreditava na educação pela cultura”, disse.

Assunto: Jovens refugiados recebem aulas de fotografia e registram suas vidas em São Paulo

Fonte: ONU

Data: 15/04/2016



Com o projeto #MeuOlhar, desenvolvido pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e parceiros, seis crianças e adolescentes refugiados que moram na capital paulista ganharam câmeras portáteis e aprenderam a fotografar para representar os desafios que vivem na metrópole.



Com o projeto #MeuOlhar, estas seis crianças refugiadas de diferentes nacionalidades usaram a fotografia para mostrar como é viver em São Paulo, a maior metrópole brasileira

Seis jovens refugiados moradores de São Paulo aprenderam a fotografar e a expressar suas formas particulares de ver o mundo em uma série de workshops promovidos por uma parceria entre a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), a organização não governamental “I Know My Rights” (IKMR) e o Studio Pier 88.

Em workshops divididos em três módulos, o projeto #MeuOlhar permitiu ao grupo de crianças e adolescentes estrangeiros – a angolana Gabriela, de 12 anos, os congoleses Benedita, de 13, e Beside, de 11, os sírios Mohamed, de apenas oito anos, e Riad, de 14, e a sudanesa Verônia – refletir sobre sua própria condição de refugiado através da fotografia.

Para o ACNUR, o projeto foi uma oportunidade única para mapear os desafios enfrentados pelos jovens em uma metrópole como São Paulo. Ao longo das aulas, participantes puderam contar suas opiniões sobre questões de proteção e de integração e falar também sobre decisões das quais não participam, mas que afetam diretamente suas vidas.

“O exercício nos workshops esteve muito centrado no empoderamento das crianças: por meio da fotografia, elas puderam contar suas próprias histórias e trazer à tona o que mais lhes chamou a atenção”, afirmou o assistente de proteção do ACNUR em São Paulo e coordenador da iniciativa, Vinícius Feitosa.

“Cada criança foi estimulada a identificar as fotos que considerou mais interessantes e explicar por que as escolheu. A ideia é dar voz à sua própria visão de mundo”, completou.

Os seis pequenos refugiados foram selecionados entre os integrantes de um coral infanto-juvenil organizado pela IKMR desde maio de 2015. No coral, os jovens cantam músicas brasileiras com letras que tratam do esforço de superação. As crianças e adolescentes já se apresentaram em São Paulo, no Guarujá e no Rio de Janeiro, onde várias delas entraram pela primeira vez no mar.

No primeiro módulo do #MeuOlhar, as crianças receberam de presente uma câmera portátil e tiveram suas primeiras aulas de fotografia. As atividades começaram em março no Museu da Imigração, no bairro da Mooca, onde o coral tem seus ensaios.

Nesse prédio, ficaram hospedados milhões de imigrantes que chegaram a São Paulo entre o final do século 19 e as primeiras décadas do século 20 – antes, portanto, de o conceito de refúgio ser definido pela Convenção das Nações Unidas sobre Refugiado, de 1951. Hoje, o edifício exibe um acervo sobre a história dessas chegadas.

O segundo módulo foi realizado no Studio Pier 88 e girou em torno de um duplo exercício para as crianças: fotografar e serem fotografadas. Com um fundo branco iluminado, elas posaram para as lentes do fotógrafo Rodrigo Bueno saltando, brincando e rindo. P

Para o terceiro módulo, foi escolhido um local aberto – porém tranquilo – para as atividades do grupo: o Parque Villa Lobos. Nessa última aula, as crianças comentaram as fotos tiradas ao longo das duas semanas anteriores.



As crianças refugiadas que participaram do projeto #MeuOlhar fotografaram e foram fotografadas para revelar uma visão particular da vida em São Paulo. Foto: Studio Pier 88 / Rodrigo Bueno

Mohamed escolheu a foto que tirou de seu irmão mais novo, Ahmed, como a mais bonita entre as que produziu em casa. “Achei mais legal porque meu irmão estava sorrindo”, explicou aos instrutores. Gabriela, que fotografara flores durante a semana e se alegrava por estar em um parque, queixou-se das poucas áreas verdes nos bairros por que transita em São Paulo.

Riad impressionou pelas fotos bem enquadradas de recantos com traçados harmônicos da escola onde estuda. Benedita exibiu com orgulho os “selfies” que fez: nenhum somente de si própria, mas sempre junto de muitos membros de sua família.

Em maio, os jovens, Bueno e a equipe do ACNUR em São Paulo deverão se encontrar novamente para um exercício final: a escolha das suas melhores imagens para a conclusão do projeto que busca identificar seus desafios de integração à metrópole.

Segundo Feitosa, as crianças assumirão nesse momento a função de curadoras de seus próprios trabalhos para uma possível exposição das fotos. “Como o fio condutor desse projeto é dar voz à criança, essa tarefa final deve desencadear novas ações para que suas observações sejam efetivamente escutadas”, afirma o representante do ACNUR.

Assunto: “Cadê nossa boneca?” - iniciativa da Avante quer mais diversidade nos brinquedos

Fonte: Rede Nacional Primeira Infância

Data: 15/04/2016



Há alguns anos, durante uma arrecadação de brinquedos para doação, em Salvador, três amigas – Ana Marcilio, Mylene Alves e Raquel Rocha – receberam bonecas de diversas marcas, variados tamanhos, mas com uma semelhança: todas eram brancas. Juntas, elas se deram conta de que faltavam bonecas que retratassem a diversidade da nossa população. Faltavam bonecas negras. Assim, nasceu a campanha “Cadê nossa boneca?” Uma iniciativa da Avante – Educação e Mobilização Social sem ligação com empresa do segmento de brinquedos e sem fins lucrativos.

Os negros representam 53,6% da nossa população, segundo dados do IBGE. De acordo com especialistas, a falta de representatividade é um problema, já que a auto identificação é fundamental para a criança. Ou seja, se o brinquedo não se parece em nada com ela, se ela não se vê em bonecas e bonecos, a autoestima, desde a primeira idade, pode ficar comprometida. Além disso, a diversidade de bonecas também é importante para que todas as crianças convivam com as diferenças e aceitem os vários tipos físicos.

O objetivo da campanha Cadê nossa boneca? é mudar esse cenário. A gente espera que, assim como na “vida real”, exista mais diversidade nas lojas, com mais bonecas negras. Até lá, vamos usar as redes para fazer muuuuito barulho. Vem com a gente?